

Ana Paula de Almeida

Caderno de Memórias



**Descobrimos o valor das
coisas ao meu redor**

Caderno de Memórias: Descobrindo o valor das coisas ao meu redor

2016

Revisão: Régis Vargas

Capa e arte: Daiane de Almeida/ Aurema dos Santos

Impressão: Centro Cópias Caxias

Encadernação: Sandra Elias

Projeto Gráfico e diagramação: Daiane de Almeida

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	<i>04</i>
<i>O Projeto</i>	<i>06</i>
<i>Primeira Etapa—Eu</i>	<i>09</i>
<i>Segunda Etapa—A Escola</i>	<i>19</i>
<i>Terceira Etapa—O Bairro</i>	<i>31</i>
<i>Quarta Etapa—Eu nessa história</i>	<i>43</i>
<i>Mais algumas palavras</i>	<i>62</i>
<i>Referências Bibliográficas</i>	<i>63</i>



APRESENTAÇÃO

Com o propósito de analisar como o patrimônio cultural local, que se encontra no interior e no entorno de escolas periféricas, pode ser utilizado como fonte de conhecimento para o fortalecimento da cidadania, foi desenvolvido um projeto de educação patrimonial com uma turma de nono ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Guerino Zugno, localizada no bairro Planalto II, no município de Caxias do Sul-RS.

O projeto teve como questão central possibilitar aos alunos a identificação do patrimônio cultural local, junto com a comunidade escolar a partir de uma série de atividades alicerçadas na utilização da metodologia de alfabetização patrimonial.

A experiência vivenciada durante 16 encontros realizados através do projeto “Descobrimo o valor das coisas ao meu redor!”, podem ser vivenciadas neste Caderno de Memórias que procura registrar minhas memórias em diálogo com os alunos, as relações com a escola Guerino Zugno e com o bairro Planalto II. De forma simples eu narro as atividades, como elas foram desenvolvidas, os resultados, as minhas análises e interpretações, mas principalmente as indagações, as incertezas, as mudanças ocorridas e as surpresas com as falas dos alunos.

A construção deste Caderno de Memórias é uma forma de dar a essa experiência uma função social, que ela possa ser utilizada por outros professores, não como uma cartilha, que determina os passos que devem ser seguidos, as possíveis respostas que os alunos possam dar, ou manual pronto que o professor possa utilizar, mas o propósito deste Caderno é expor e narrar o caminho percorrido pelos estudantes para a identificação do patrimônio cultural local, assim como as minhas reflexões ao longo do caminho, como uma parte da história de Caxias do Sul que entra nos dutos, nas ruelas, nos morros, nas casas de quem veio de diferentes lugares do país.

Durante os encontros foram realizadas atividades práticas com os alunos, muitos trabalhos também fazem parte desse Caderno de Memórias, que recebe em sua capa um trabalho artesanal de costura, intencionalmente pensado, para demonstrar que essa história não é construída por uma única pessoa, mas pela costura de várias histórias, vivenciadas a cada encontro.

Desenvolver esse projeto fez-me pensar em quantos outros lugares da cidade precisavam ser lidos e interpretados, quantas crianças e adolescentes precisam compreender o significado de patrimônio para poderem exercer a cidadania.

“A cidade é um grande texto que tece dentro de si uma miríade de outros textos, inclusive os das pequenas conversas produzidas nos encontros cotidianos.”

José D’Assunção Barros

O PROJETO

Para tal proposta, utilizou-se como eixo norteador a metodologia de alfabetização patrimonial que tem como princípio formador a premissa de que a leitura de mundo acompanha a leitura da palavra. Assim, a escola, o bairro, a cidade são o contexto alfabetizador, como se fosse um texto a ser interpretado e os sinais para tal interpretação são os patrimônios materiais e imateriais.

As atividades têm como fio condutor o levantamento do universo cultural presente na escola e no seu entorno, sendo que fazem parte do universo cultural de uma comunidade tanto o patrimônio material quanto o imaterial. Assim praças, monumentos, igrejas, casas de comércio, além de manifestações culturais como músicas, festas, ditos populares, entre outras, formam o patrimônio cultural a ser identificado e preservado.

Os diferentes contextos culturais onde as pessoas vivem são, também, contextos educativos que formam e moldam os jeitos de ser e estar no mundo. Essa transmissão cultural é importante porque tudo é aprendido por meio dos outros, dos pares que convivem nesses contextos. Dessa maneira, não somente práticas sociais e artefatos são apropriados, mas, também, os problemas e situações para os quais eles foram criados. (FLORÊNCIO, 2012, p. 29).

Neste sentido, vamos encontrar diferentes leituras de acordo com os contextos a serem interpretados, que vão exigir o desenvolvimento de ações diferenciadas que possibilitarão identificar, principalmente nas comunidades periféricas, os lugares de memória, o patrimônio material e imaterial dos que, muitas vezes, são excluídos, mas que, com suas experiências cotidianas, escrevem a sua história.

*A educação que se vislumbra é aquela que se caracteriza como **mediação** para a construção coletiva do conhecimento, a que identifica a comunidade como produtora de saberes, que reconhece, portanto, a existência de um saber local. Enfim, a que reconhece que os bens culturais estão inseridos em contextos de significados próprios associados à memória do local. (FLORENCIO, 2012, p. 27).*

A identificação do patrimônio de uma comunidade permite o fortalecimento da cidadania, o educando torna-se construtor do conhecimento, pois conhece e interage com a cultura que é produzida no cotidiano e passa a compreender a sua condição histórica, percebendo a importância como agente transformador da sociedade.

O desafio dessa proposta é apresentar, aos professores de História, subsídios para que atividades de educação patrimonial possam ser realizadas em outros espaços de educação, não formais, além da sala de aula. Estes espaços de educação podem ser concebidos a partir da escola e do seu entorno.

O período para o desenvolvimento das atividades foi estabelecido entre escola, orientador e orientanda, tendo em vista que essas atividades foram introduzidas dentro da disciplina de História, que tem um cronograma a ser seguido.

*Como a intenção do projeto de educação patrimonial é identificar o patrimônio cultural da escola e do seu entorno, aproximando os alunos da comunidade e valorizando os elementos do cotidiano, o projeto recebeu o nome de “**Descobríndo o valor das coisas ao meu redor**”, e as atividades foram agrupadas em quatro momentos: EU, A ESCOLA, O BAIRRO e, por último, EU NESSA HISTÓRIA.*

Essas etapas foram construídas com o objetivo de promover a problematização da questão do patrimônio. Os alunos foram convidados a refletir sobre suas memórias e experiências, ampliando o conhecimento do que se considera patrimônio. De acordo com Carmem Zeli de Vargas Gil, atividades desse tipo,

Rompem a tendência de identificar o patrimônio unicamente com lugares e objetos legitimados e reconhecidos institucionalmente. Memórias e experiências cotidianas são colocadas em diálogo com o patrimônio consagrado. Busca-se um ensino em que a História não seja terra estrangeira em relação ao contexto de vida do aluno, nem fique presa em questões identitárias, produzindo tanto o estranhamento como identificações.” (2014, p. 47).

A turma 92 do nono ano é formada por 20 meninos e 08 meninas, na faixa etária de 14 e 15 anos, sendo que grande parte da turma estuda na escola desde a educação infantil. Muitos pais e irmãos destes alunos também estudaram na escola. Isso proporciona um ambiente familiar, visto que os professores e alunos já se conhecem, conhecem a família dos alunos e a realidade em que vivem.

PRIMEIRO ENCONTRO ...

Para o primeiro encontro com os alunos elaborei uma atividade na qual pudesse interagir com eles, conhecendo-os um pouco, e que possibilitasse a apresentação de cada um. Assim, estabeleci para os primeiros momentos apresentar os motivos do projeto e como seria o seu desenvolvimento, depois, para nos conhecermos faríamos a atividade do autorretrato. Entreguei para cada aluno uma folha em branco e pedi para que escrevessem a frase “EU SOU...!” e a partir dela, cada um iria se desenhar, completando a frase com características físicas. Para facilitar, e provocar a turma, levei alguns espelhos para quem quisesse se olhar para fazer o autorretrato. Assim iniciou o primeiro dia: a turma volta do recreio, estão agitados, véspera de feriado. Mesmo assim já percebo uma divisão na turma, o lado esquerdo é mais quieto e centrado, enquanto que o direito é mais agitado. Os alunos já tinham uma noção de patrimônio, porque a professora de História trabalhou com eles um texto, para introduzir e explicar o projeto de valorização da escola.¹

**{...} Todas as coisas têm nome
Casa, janela e jardim
Coisas não têm sobrenome
Mas a gente sim.**

¹ O projeto “Valorizando a Escola” foi definido entre os professores e a coordenação pedagógica e conta com atividades sobre a valorização da escola, por ela ser um patrimônio de todos. Foi entregue para cada professor um material intitulado: “Guia de Atividades – Tesouros do Brasil”, com sugestões de atividades. O projeto contempla todas as séries e turnos da escola.

Surpresa: quando propus a atividade do autorretrato, o alvoroço foi geral, comentários surgiram: “eu não sei desenhar”, “eu não quero fazer”, “pra que isso”, “a gente já se conhece, não precisa disso”. Quanto ao espelho, nem quiseram chegar perto dele, mas o tempo todo ficavam apontando características uns dos outros, mas nunca as suas características: “o fulano tem o nariz assim”, “a Pâmela vai precisar de duas folhas”, “A Alessandra vai desenhar só cabelo”. Na hora das apresentações, apenas três alunos quiseram mostrar o autorretrato e falar sobre ele.

As reações apresentadas pelos alunos me fizeram refletir: “estou no caminho certo?”. “Como compreender a história do meu contexto, se nem mesmo me reconheço, ou me reconheço enquanto indivíduo, fora de um grupo?”.

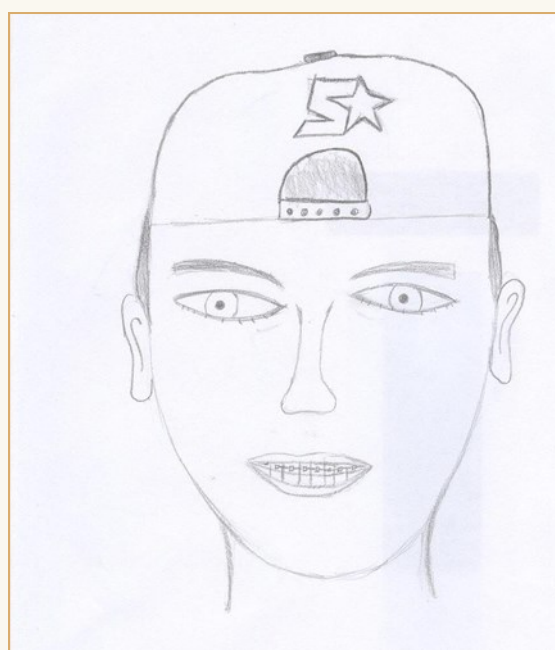
*Resistência seria o termo que definiria o primeiro encontro. Como é difícil para eles se olharem, é mais fácil apontar os outros do que se observar, mas analisando os autorretratos pude perceber que a maioria não agrega, às suas características, elementos como boné, *piercing*, brincos. De acordo com Dayrell (2007), a cultura juvenil utiliza expressões simbólicas, que são visíveis através do corpo e do visual. A escola está sendo invadida por essa vida juvenil, onde se observa os jovens com seus *looks*, *grifes* e artigos juvenis, demarcando estilos.*

Jovens ostentam os seus corpos e, neles, as roupas, as tatuagens, os piercings, os brincos, dizendo da adesão a um determinado estilo, demarcando identidades individuais e coletivas, além de sinalizar um status social almejado. (DAYRELL, 2007, p. 110).

Os alunos da turma 92 enfatizaram em seus desenhos as suas características físicas como: os olhos bem desenhados, cabelo, sobrancelhas mais grossas e alguns sinais da cultura juvenil, como colar de “hippie” e boné. Eles demonstraram muita habilidade como desenhistas.

A proposta da atividade também foi de provocá-los quanto ao que pode ser um patrimônio, a maioria se referiu ao patrimônio material, então fizemos a atividade para eles perceberem que a vida é o maior patrimônio que uma pessoa pode ter. Como aborda Grunberg (2007), propor atividades a partir do conceito de que a VIDA é nosso primeiro Patrimônio e com ela adquirimos tudo o que somos, são opções de exercícios que levam aos participantes “a compreensão de que o Patrimônio é um conceito que está muito mais perto da gente do que pensamos”. (2007, p.07).

Registro da Atividade Autorretrato



SEGUNDO ENCONTRO ...

O segundo encontro foi mais tranquilo, havia solicitado que trouxessem informações quanto ao nome e sobrenome de cada um, e que essa atividade deveria ser feita junto com a família. Alguns fizeram, outros haviam esquecido e falaram o que sabiam sobre seus nomes. A maioria dos nomes é escolhido pelas mães, são poucos os escolhidos pelo pai, avó ou irmão. Os motivos que alegaram são porque era um nome bonito, pouco comum ou um nome bíblico.

*[...] Todas as flores têm nome
Rosa, camélia e jasmim
Flores não têm sobrenome
Mas a gente sim*

*O Chico é Buarque, Caetano é Veloso
O Ari foi Barroso também
E tem os que são Jorge, tem o Jorge Amado
Tem outro que é o Jorge Ben.*

Alguns casos me chamaram a atenção: ao questionar o Adriano sobre seu nome ele respondeu “Quando nasci, minha mãe olhou pra mim e disse: vai se chamar Adriano, porque ele já tem cara de coitadinho, é o que ela fala sora”. Outro revela, na sua explicação a realidade de muitas famílias: “Quem escolheu meu nome foi meu pai, mas eu não sei o porquê, pois não moro com ele”.² “Meu nome é Maria Elizabeth por causa de uma santa, lá da terra da minha mãe. Ela é de Passo Fundo”. Essa fala pode representar uma forma de manter na filha a memória de sua cidade natal ou a memória de uma santa que pode ter auxiliado em momentos difíceis da vida.

Outra atividade relativa à história dos nomes foi a apresentação de um vídeo com a música de Toquinho, “Gente tem sobrenome”, para que pudessem fazer a relação do nome com o sobrenome. O nome é o signo que os identificará pela vida e cada nome tem uma história. O sobrenome nos liga a um determinado grupo de pessoas, que é a família, o primeiro contato social que temos.

² Dados estatísticos recentes (CAMARGO, 2011) mostram que a modificação no perfil das famílias está refletida nos números que falam sobre elas: o aumento do percentual de famílias que têm a mulher como referência e de casais sem filhos talvez sejam as estatísticas mais precisas sobre essa mudança de configuração. [...] Estudos apontam para a diminuição do número de seus integrantes, o aumento do divórcio e separações, a elevação da idade de casamento e de procriação, a entrada da mulher no mercado de trabalho, a modificação dos papéis parentais, entre outras (NOGUEIRA, 2006). [...]. Nossas representações de família estão coladas a uma determinada configuração ideal: um pai, uma mãe e seus filhos, formando um arranjo de proteção e cuidados, [...]. Conforme a pesquisadora e antropóloga Cláudia Fonseca (2002), os estereótipos do senso comum sobre essa instituição ainda são bastante reforçados, minimizando outras formas de arranjo: “Qualquer desvio de padrões hegemônicos é frequentemente visto pela plateia como sintoma de inferioridade, desorganização social, ou atraso”. (GIONGO, 2013, p. 81-82).

TERCEIRO ENCONTRO ...

Para o terceiro encontro, havia solicitado que trouxessem um objeto de valor e significado especial para cada um ou para sua família. Os alunos, neste momento, estão mais participativos, trouxeram brinquedos que haviam ganhado do pai, da avó, relógio que compraram com o seu dinheiro, roupa de quando foram batizados e fotografias de quando eram pequenos. Mas o objeto que a maioria levou foi o celular, já estava pensando que estavam falando que o celular era o objeto que haviam trazido, por não terem levado outro objeto, quando um dos alunos me respondeu: “Profe, eu trouxe o celular porque nele tenho muitas imagens, principalmente com o meu pai, que mora longe e passei as férias com ele, e registrei as imagens no celular, quando estou com saudade posso olhar”.

Este fato nos revela uma sociedade que mudou, o global está articulado no local. Os aparelhos eletrônicos ganham relevância no cotidiano dos jovens, as informações são processadas cada vez mais rápido pelas redes sociais, os jovens estão conectados e a educação patrimonial deve considerar essas mudanças submetendo coisas, objetos, os bens culturais a um processo de resignificação.

A Educação Patrimonial, em primeiro lugar, deve considerar que a preservação dos bens culturais é uma prática social, inserida nos contextos culturais, nos espaços da vida das pessoas. Ela não deve se utilizar de práticas que enaltecem e reticam coisas e objetos sem submetê-los a um universo de resignificação dos bens culturais. Ela associa, portanto, os valores históricos do bem cultural ao seu lugar atual, em sua comunidade de inserção, ou seja, ao lugar social onde o bem está agora. (BRANDÃO, 1996, p. 27).

Alguns levaram objetos sobre os quais não quiseram falar o motivo da escolha, com receio de revelar suas histórias. Perceberam que estávamos abordando a história individual de cada um e me questionaram: “porque a profe quer saber sobre a gente?” Joguei a pergunta de volta, aproveitei a temática que estava no quadro da professora: “Porque vocês precisam conhecer a história da 2ª Guerra Mundial?” Ficaram pensativos. Um dos alunos me respondeu: “A gente tem que saber quem era o Hitler, que ele queria matar todo mundo, que ele era um racista.” Assim completei: “então, Guilherme, precisamos compreender a sociedade em que vivemos para que, os fatos ocorridos na 2ª Guerra Mundial não se repitam, para ficarmos atentos ao que acontece e possamos agir e participar do processo histórico, não como expectadores, mas como personagens dessa história”.

Foi um momento muito importante para a turma e, para mim, mais ainda, estava conseguindo provocá-los e integrar o ensino da História com a Educação Patrimonial. Eles partiram do contexto de vida de cada um e transportaram-se para o mundo. O que aconteceu foi, de fato, a leitura do mundo. Essa é a função social da História, provocar nos alunos o questionamento, a problematização, a possibilidade de relacionar o passado com o presente e o futuro, possibilitando que os alunos se vejam como sujeitos posicionados no mundo, preparados para argumentar e defender ideias.

Trata-se [...] de partir das referências culturais locais, utilizando-as como arcabouço de símbolos, valores e significados por meio dos quais as ligações necessárias para a compreensão da vida, da cultura, da sociedade e do humano venham a ser estabelecidas, em um processo em que cada sujeito parte de seu mundo e de suas referências para compreender e refletir sobre outros mundos e alteridades. (FLORÊNCIO, 2012, p. 29).

Trabalho de uma aluna da 9ª série, 2012.

Significado do nome

Bismã...
 Quem escolheu meu primeiro nome, "Amanda", foi minha mãe e quem escolheu meu segundo nome, "Sabina", foi meu pai, eles escolheram pois gostaram do nome e porque acharam bonito.

O significado do meu nome que dizer "digna de ser amada".

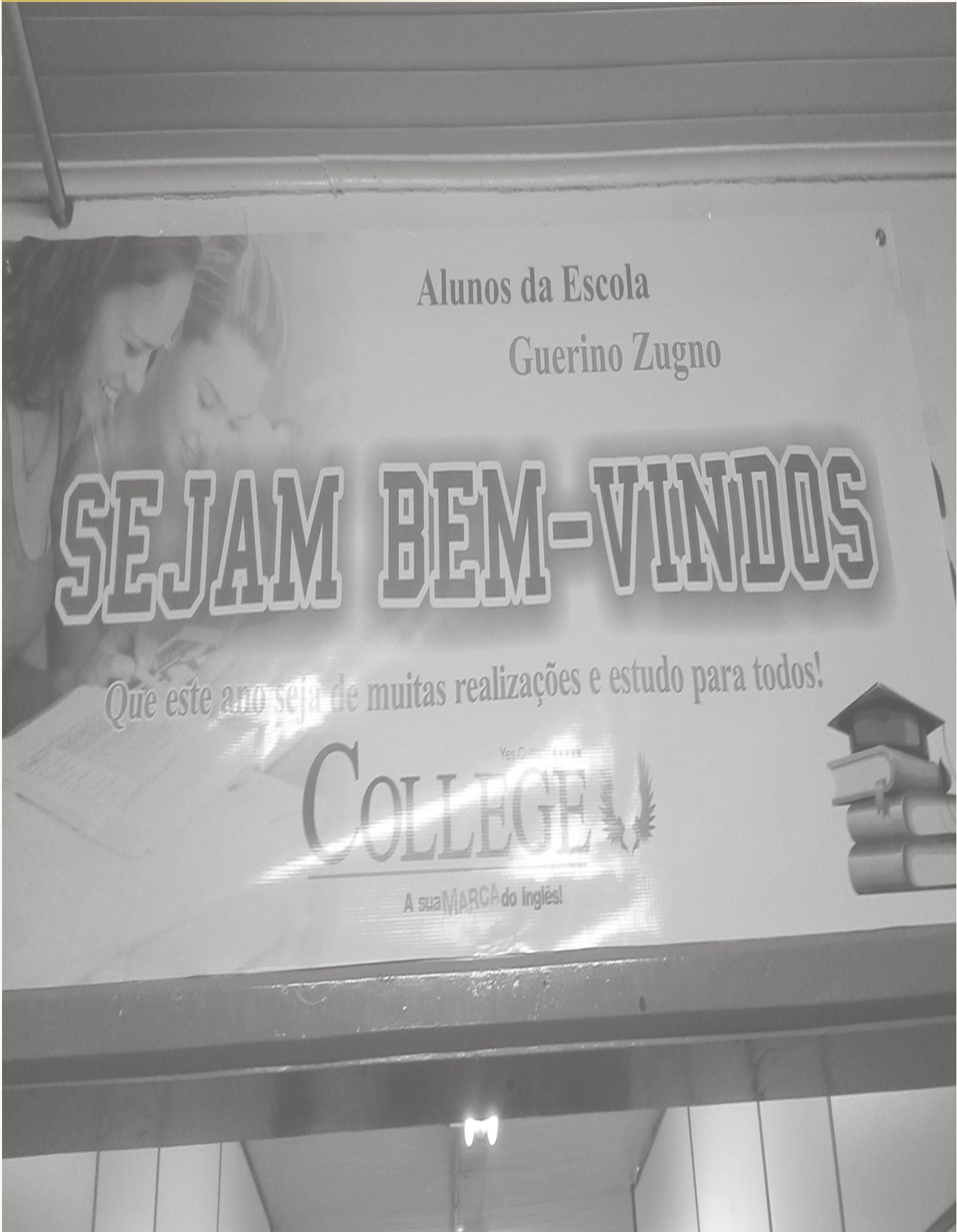
Nome	Origem	Significado
Amanda	Latim	Amada
Sabina	Grego	Sabedoria

Pâmela Camila

Quem escolheu meu nome foi meu pai e minha mãe. Minha mãe quer que eu seja uma menina que goste de estudar e que seja feliz. O nome Pâmela vem do grego e significa "que protege". Camila vem do latim e significa "que protege".

Meu nome é Pâmela Camila. Significa que eu sou uma menina que gosta de estudar e que é feliz. O nome Pâmela vem do grego e significa "que protege". Camila vem do latim e significa "que protege".

Meu nome é Pâmela Camila. Significa que eu sou uma menina que gosta de estudar e que é feliz. O nome Pâmela vem do grego e significa "que protege". Camila vem do latim e significa "que protege".



Alunos da Escola

Guerino Zugno

SEJAM BEM-VINDOS

Que este ano seja de muitas realizações e estudo para todos!

Yes College
COLLEGE

A sua MARCA do Inglês!

SEGUNDA ETAPA - A ESCOLA

QUARTO ENCONTRO ...

A Amanda levou a fotografia da primeira turma da escola, muitos dos que estavam na sala se viram na fotografia, já que a turma tem uma história em comum e, partindo desse ponto, solicitei que respondessem um questionário com perguntas sobre suas atividades fora da escola. As perguntas estavam relacionadas à idade, cidade onde nasceram, prática de esportes e músicas preferidas, atividades realizadas nas horas de lazer, como chegar à escola e o que mais gosta na escola.

Com base no questionário, elaborei um quadro com os temas: idade, bairro, esporte, música, lazer, escola, e propus que eles falassem sobre suas preferências e, em grupos, procurassem em revistas imagens ou palavras que os identificassem como um grupo.

Essa atividade forneceu subsídios para criar um painel junto com eles com o título: “Descobríndo o valor das coisas ao meu redor! Somos a turma 92 da Escola Guerino Zugno e temos muitas coisas em comum. Somos um grupo”. A dinâmica teve a participação de grande parte da turma. Muitos questionaram sobre imagens e palavras³ que iam encontrando e na hora de colar no painel, elegeram algumas meninas para colarem e eles iam explicando o motivo da escolha.

³ Os alunos encontraram, por exemplo, mulheres loiras nas revistas e pediram se poderiam colocá-las no painel. Questionei qual era a relação delas com a turma, o que elas estavam representando? Eles responderam: “Nada né, profe, só tem menina morena na nossa turma”. Outro questionamento foi de uma menina que queria colocar a palavra cortina no painel: “Profe, vou colocar a palavra cortina, porque representa uma reivindicação da nossa turma, queremos cortinas novas na nossa sala, essas estão muito feias”.

Registro da Atividade: “Somos um Grupo”



QUINTO ENCONTRO ...

A professora de História da turma, como forma de sanar as dúvidas que eles tinham sobre o projeto, comentou durante a semana, que eles iriam fazer uma visita ao bairro. Logo que cheguei para o nosso encontro, me questionaram: “Quando que vamos sair pelo bairro?”, expliquei que seria em breve e os comentários foram gerais: “Me avisa, profe, porque eu não venho nesse dia”. “Pra que sair pelo bairro?” e assim seguiram: “Eu já conheço o bairro, não preciso ir”.

Refletindo sobre as falas dos alunos, me questionei sobre o fato de terem vergonha do lugar onde moram ou se de fato eles não viam importância em sair pelo bairro. Estava comprovado o que aborda Scífone (2012), quando diz que as comunidades não se reconhecem e o meu desafio era reconhecer junto com os alunos, através do projeto de educação patrimonial, que o bairro, que o contexto local deles, faz parte do patrimônio cultural nacional, que tem história, tem valor.

Assim, a Educação Patrimonial tem em um país como o Brasil o grande desafio de lidar com o fato de que a população nem sempre se identifica ou se enxerga no conjunto do que chamamos de patrimônio cultural nacional. Isso é resultado histórico de uma fraca participação social em todo o processo, desde a eleição dos bens patrimoniais, passando pela definição de usos para esses bens, no caso de imóveis ou áreas públicas, culminando em projetos de restauração que nem sempre levam em conta a relação afetiva entre as comunidades e o seu patrimônio e, portanto, os valores sociais envolvidos em uma tarefa que não é meramente técnica e nem implica somente critérios de autenticidade. (SCIFONI, 2012, p. 36).

Acalmados quanto à curiosidade da visita pelo bairro, pois expliquei para eles qual era o objetivo, e que esta seria uma etapa posterior, que ainda iria demorar um pouco, introduzi informações sobre fotografias, pois no próximo encontro eles sairiam para fotografar lugares da escola com significado especial. Os alunos se interessaram pela temática, acompanharam a leitura de um pequeno texto que elaborei sobre a história e a importância da fotografia. Eles participaram expondo o que conheciam sobre as formas antigas de se fotografar, procurei fazer um paralelo com a atualidade e a rapidez com que as imagens são feitas e propagadas nas redes sociais.

SEXTO ENCONTRO ...

O sexto encontro foi marcado por muita chuva, dificultando um pouco a saída pela escola, visto que a mesma tem muitas áreas abertas de circulação. Mesmo assim eles estavam empolgados, mas também “perdidos”, não sabiam o que fotografar, então deixei como proposta: cada aluno iria fotografar um ambiente da escola que tenha um significado especial, e depois me enviaria por e-mail com o motivo da escolha.

Muitos foram induzidos pela professora titular, que acompanhou a visita: “Vocês podem fotografar a biblioteca, a quadra de esportes”. E assim foi, a maioria fotografou a biblioteca. Mesmo assim, pude perceber que eles adoraram a atividade, tirando aqueles que seguiram a orientação da professora, tivemos imagens de ambientes variados como corredores, quadras, cartazes pendurados, grafite, secretaria, entrada da escola, bandeiras do saguão.

A sala dos professores e direção foi percorrida pelos alunos, mas não houve interesse de fotografar essa parte da escola, inclusive alguns comentários surgiram “isso eu não quero fotografar, não me interessa”.

*Eles teriam que enviar as fotografias por e-mail, mas sugeriram que criássemos um grupo no *WhatsApp*⁽⁴⁾. Foi muito interessante, deixei que eles criassem e administrassem o grupo Turma 92. Além das imagens e do motivo, postaram recados e interagiram. Até mesmo o aluno que nunca quer participar de nada, fotografou seu ambiente de preferência e enviou suas imagens para o grupo.*

Os motivos das escolhas foram desde “a biblioteca é um lugar muito importante para a leitura de um aluno”, como “a biblioteca é um lugar aconchegante e silencioso onde consigo me concentrar e entrar no mundo dos livros”! Um dos alunos fotografou um painel feito pelas crianças, eram desenhos da escola e colocou no seu motivo “Gostei desse porque é um patrimônio deles igual ao que a gente teve que desenhar nosso patrimônio”. Uma menina fotografou um cartaz que estava pendurado com a seguinte pergunta: “Qual o valor que você dá para sua escola?” O motivo de ter fotografado esse cartaz aborda uma crítica: “Pelo jeito, quase ninguém dá valor a escola porque depredam, desrespeitam os profes e funcionários e reclamam de tudo, sem nem ter moral para isso”! Outra menina também fotografou uma frase do mural: “A escola por todos, todos pela escola” e explanou sua intenção: “Muitos não dão o devido valor para a escola, mas não sabem que é aqui que se tornam alguém”!

*4 - *WatsApp* é um aplicativo múltiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos, mensagens de áudio. ([//pt.wikipedia.org/wiki/WatsApp](http://pt.wikipedia.org/wiki/WatsApp) – consultado em 26 de agosto de 2015).*

Um corredor da escola foi fotografado e, no seu motivo, apareceu um gosto, uma identificação da cultura juvenil abordada por Dayrell: “Escolhi este espaço por causa do grafite”! Isso me permitiu compreender que quem o fotografou faz parte de um grupo, de uma tribo.

SÉTIMO ENCONTRO ...

No sétimo encontro montei uma apresentação com as imagens que eles haviam feito e as legendas dos motivos da escolha. O objetivo era instigá-los: Vocês se identificam com a escola Guerino Zugno? Vocês consideram a escola um patrimônio? Por quê?

Todos adoraram a atividade, elencaram como uma coisa boa e legal, que possibilitou a integração de todos. Quando questionados a pensarem sobre as imagens dos colegas surgiram falas como: “a escola é um lugar onde se aprende tudo para a vida”; “lugar de convivência”. Um aluno fez uma selfie com a secretária ao fundo e colocou como legenda: “foi na secretária que pisei, pela primeira vez que frequentei a escola”.

Tem lugares que me lembram
Minha vida, por onde andei
As histórias, os caminhos
O destino que eu mudei
Cenas do meu filme branco e preto
Que o vento levou e o tempo traz
Entre todos os amores e amigos
De você me lembro mais



Registro da Atividade “Fotografando a Escola”



Para finalizar esse encontro um aluno expõe sua opinião sobre a atividade: “Profe, essa foi uma atividade que não precisamos nem ler e nem escrever”. Eles estão tão habituados a ler e escrever com palavras, que não se deram conta que estavam lendo através da câmera fotográfica. Então, conversei com eles sobre os registros que haviam feito, que era o olhar de cada um sobre a escola e que, no futuro, outros alunos poderiam conhecer a escola a partir dessas imagens, considerando que as imagens feitas por eles tornar-se-iam fontes históricas. Eles estavam sendo sujeito do processo histórico, produzindo um registro sobre o que, amanhã, já será passado.

Como havia percebido que a biblioteca tinha sido o ambiente preferido e o motivo era porque havia muitos livros, questionei um dos alunos se gostava de ler e, sinceramente, ele me respondeu: “Não”. Inclusive o acesso à biblioteca é bem restrito, existem dias e horários específicos. Conversando com a professora da biblioteca, que por sinal é muito solícita, pedi se poderia marcar um encontro lá, e ela respondeu que não teria problema. Então, solicitei para a professora de História para agendar, mas infelizmente, os professores estavam usando para a escolha dos livros para o ano que vem e não foi possível nosso encontro na biblioteca. A ideia era trabalhar na biblioteca a história do bairro Planalto II, queria que os alunos pudessem entender que a história se escreve a partir de fontes, que são também entendidos como patrimônio e tivessem contato com essa documentação.

OITAVO ENCONTRO ...

O oitavo encontro tinha como dinâmica completar um questionário sobre a história da escola, com informações colhidas da biblioteca, mas como houve muita dificuldade dos alunos em poderem frequentar a biblioteca da escola, solicitei para a professora de História que agendasse com a funcionária mais antiga, para conversar com os alunos. Chegando à escola, a professora me falou que a funcionária estava doente, mas que ela havia conversado com uma professora que estava na escola há aproximadamente 27 anos.

Assim, pedi para os alunos ouvirem a professora Dorianana e questionarem ela de acordo com o roteiro que havia passado. O roteiro consistia em perguntas referentes à construção, inauguração e nome dado à escola, quantidade de alunos, salas de aula, professores, mudanças na estrutura do prédio, eventos realizados, participação da comunidade, pais, alunos. Podemos dizer que foi um encontro entre gerações, alguns já haviam tido aula com a professora Dorianana, que por sua vez também fez parte da direção da escola como vice-diretora, assim ela focou exatamente em aspectos de mudanças: como era e como é hoje, enfatizando o papel da comunidade, do bairro, nas reivindicações de melhorias e até mesmo de construção da escola. Apontou reformas no prédio para melhor atender a demanda de alunos, falou sobre o nome dado à escola, de uma horta comunitária. O seu depoimento permitiu que os alunos percebessem o que havia mudado e o motivo das mudanças, ou seja, mostrou a ação dos homens no tempo.

Os alunos foram participativos, fizeram perguntas, além das que eu havia proposto e perceberam o quanto a escola cresceu e melhorou. Apenas dois alunos não prestaram atenção. O resultado foi criar, com base no depoimento da professora, um texto abordando os aspectos mencionados. Neste momento, trocaram informações uns com os outros. A atividade permitiu que os alunos coletassem indícios para compreenderem a história da escola e, conseqüentemente, do local onde eles moram e como a comunidade foi sendo construída em consonância com as mudanças ocorridas na escola.

Outro fato que me deixou satisfeita foi do aluno considerado “aluno problema” ter participado do início ao fim da atividade, questionando a professora com perguntas interessantes e provocativas. Isso foi alvo de comentários até na sala dos professores. Ele foi elogiado pela professora de História, por sua postura. O aluno próximo de sua realidade, questiona e procura entender o seu meio.

A Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e, a partir de suas manifestações, despertar no cidadão o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida pessoal e coletiva. O patrimônio histórico e o meio ambiente em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos homens e mulheres sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles. (APOLINÁRIO, 2012, p. 58).



TERCEIRA ETAPA O BAIRRO

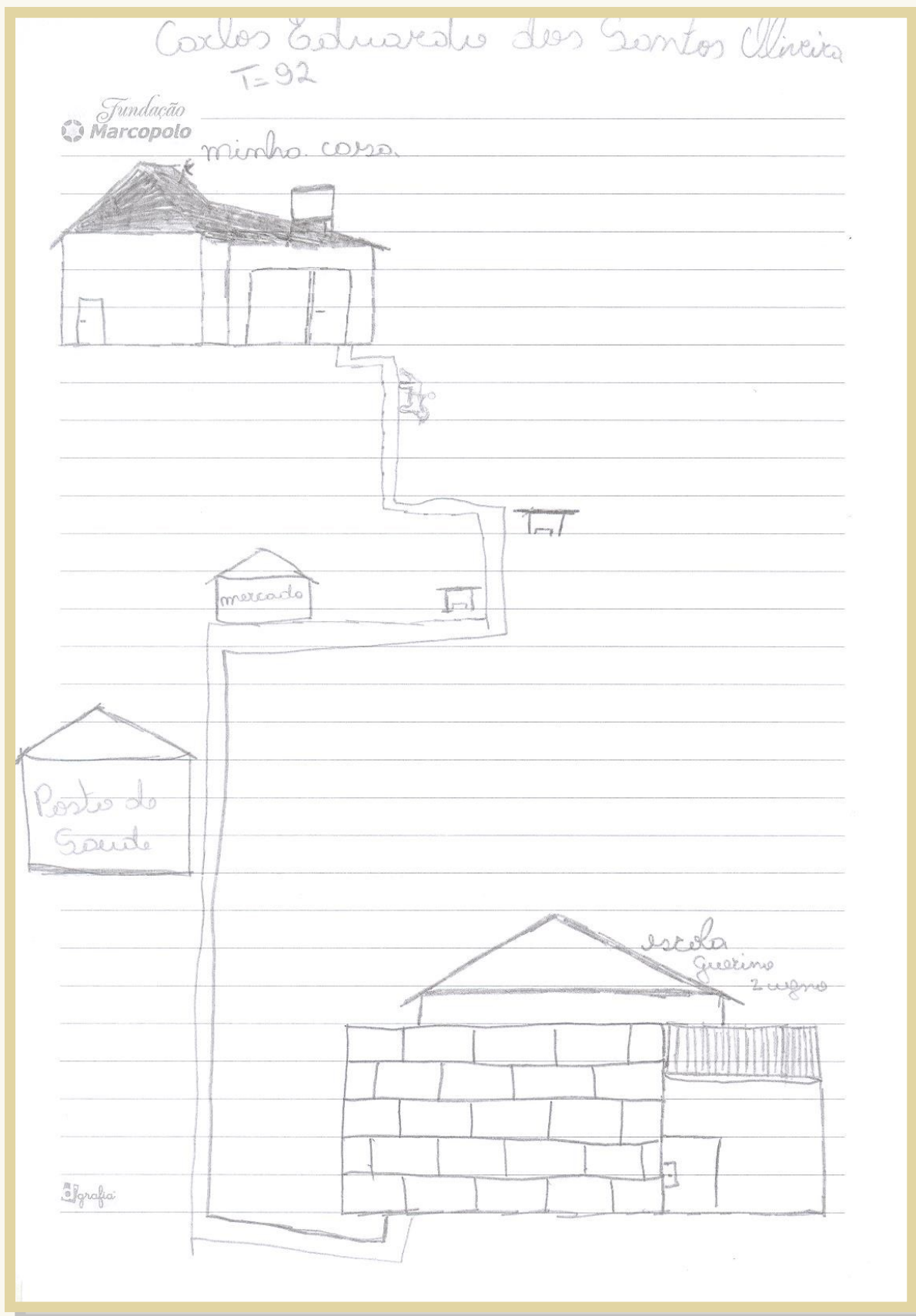
NONO ENCONTRO ...

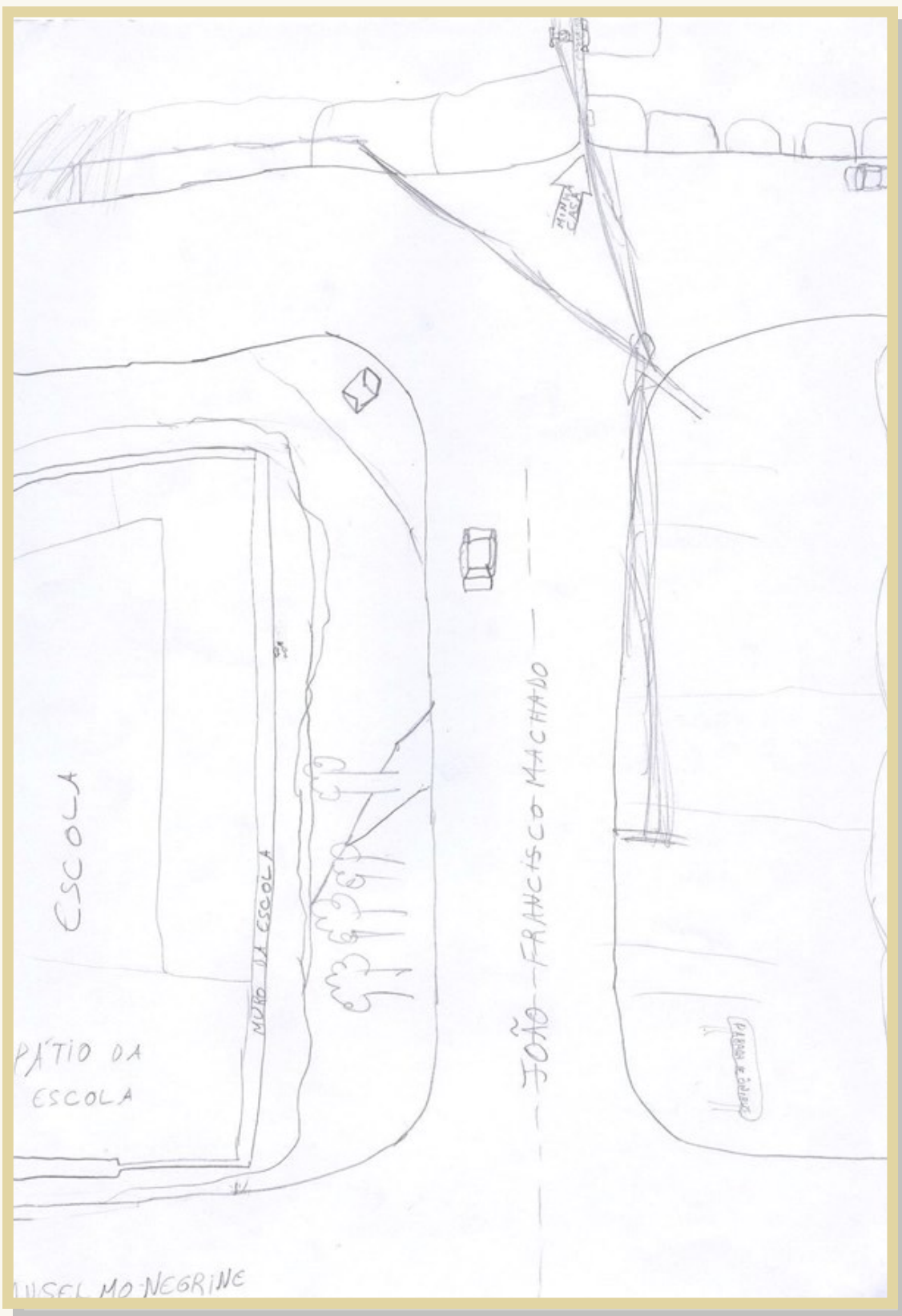
Chegando ao nono encontro, tinha como propósito que eles narrassem, fizessem um mapa mental do percurso que fazem de casa para a escola, mas os alunos já quiseram fazer o percurso no papel e iam me mostrando e apontando alguns pontos de referência. Alguns fizeram em duplas, pois moram próximos e vem para a escola juntos. A maioria vem a pé para a escola e leva em torno de 10 minutos. Alguns marcaram em seus mapas as casas dos colegas, o mercado, o postinho de saúde.

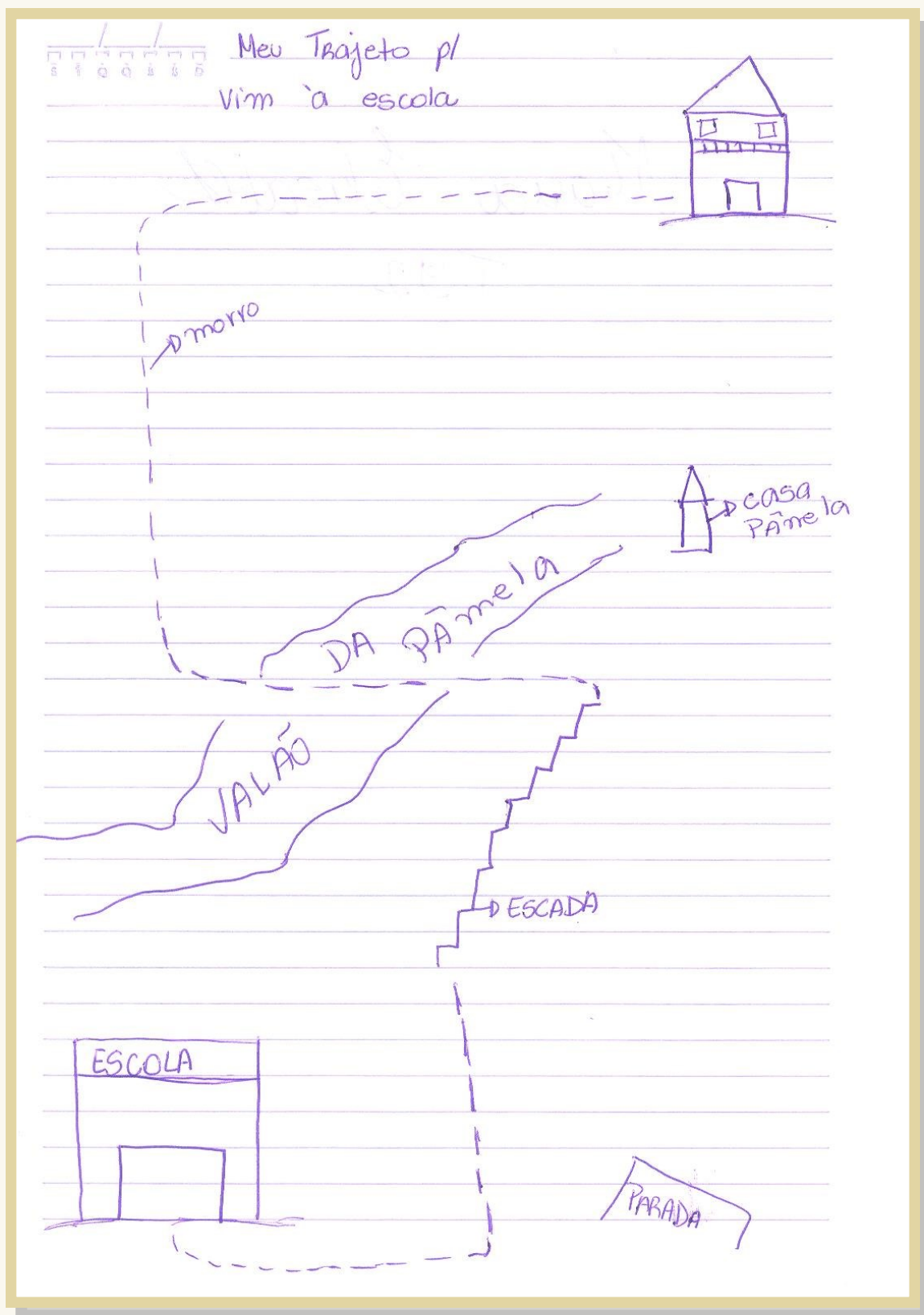
Questionar os alunos sobre os aspectos do seu entorno, do bairro onde moram, é uma forma de problematizar as memórias individuais e locais, permitindo que eles atribuam valor e sentido, identificando e construindo os patrimônios de sua comunidade.

Neste encontro, os alunos estavam muito empolgados, e foram me relatando o caminho percorrido para chegarem à escola, mencionando alguns lugares de referência, como a escadaria, o valão, a casa do seu Zé e assim seguiam: “vou colocar no meu mapa a casa da Pâmela, porque ela mora bem aqui, profe”. Eles estavam felizes em compartilhar uns com os outros o caminho que os conduz à escola. Diferente do que eu imaginava, como haviam comentado que não tinham interesse em visitar o bairro, entendi como se eles tivessem vergonha de onde moram, mas o entusiasmo deles me fez refletir sobre o que aponta Dayrell (2007), que os jovens atribuem ao lugar onde vivem um lugar simbólico, de integração, de sociabilização. O bairro Planalto II, para os alunos da turma 92, é uma espaço de convívio, vai além de uma região com problemas sociais.

Registro da Atividade “Mapa do Percurso”







DÉCIMO ENCONTRO ...

Esse fato foi confirmado no encontro seguinte, que tinha como objetivo trabalhar o nome das ruas, mas a maioria não sabia o nome das ruas do bairro. Será que é porque elas têm nomes de pessoas que eles nunca ouviram falar? Mas a turma 92 sabia o nome da padaria, da lancheria, das igrejas, ou seja, de espaços do bairro onde existe socialização, sabiam também os nomes de determinadas regiões do bairro como a Vila Sapo, a Chapa e o Valão. A turma ficou muito agitada, todos queriam falar. A Vila Sapo, a Chapa e o Valão são lugares considerados inferiores pelos alunos, eles riem, deboçam desses espaços e, quando querem desmerecer algum colega, dizem: “esse aí mora lá na Chapa”. Esses espaços funcionam como fronteiras, limitando quem pode e quem não pode atravessar a fronteira.

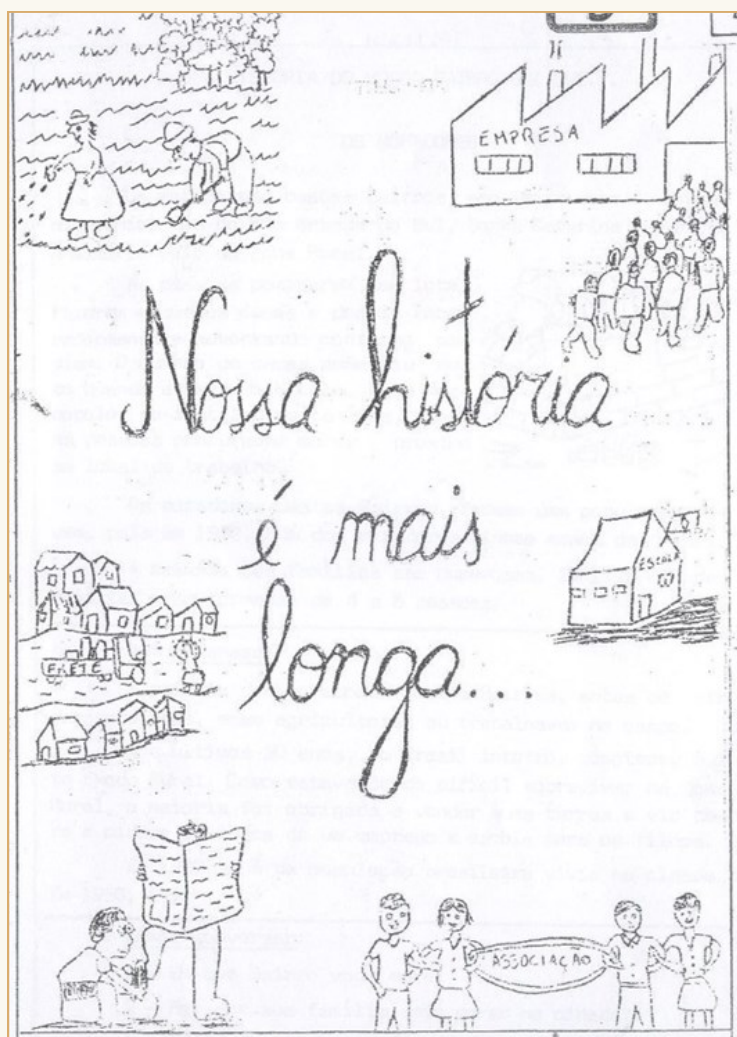
Dois alunos da sala moram na Chapa, um menino e uma menina. Pedi a eles que escrevessem como é a Chapa, porque é chamada dessa forma. Na hora um aluno deu uma gargalhada e mencionou: “a senhora nem queira conhecer”. Eu respondi que gostaria de ir até lá, ele rebateu e apontou para mim, como se quisesse mostrar a roupa que estava vestida: “se a senhora for até lá, assim, não vai sair”. A menina que mora na Chapa se sentiu incomodada, pediu para que eu não falasse Chapa e sim o nome da rua onde ela mora, enquanto que o menino usou o comentário dos colegas para dizer que conhece tudo sobre a Chapa e tem várias coisas para escrever sobre ela. A atitude dele parece estar relacionada a uma forma de autoafirmação frente ao grupo.

Solicitei que durante as férias de inverno eles escrevessem sobre um dos pontos de referência que foram citados e anotados no quadro. Cada aluno ficou responsável por um ponto, rua ou local.

DÉCIMO PRIMEIRO ENCONTRO ...

Retorno das férias, décimo primeiro encontro, alunos extremamente agitados. Antes de entrar na turma, enquanto aguardava na sala dos professores, ouço muitas reclamações da turma 92 e, de fato, quando chego à sala muitos haviam trocado de lugar por causa da agitação, alguns nem ouvem o que estou falando, outros querem escutar, mas não conseguem, começam a gritar e pedir silêncio, enquanto outros ficam no celular. Muita dificuldade para dar sequência às atividades. Solicitei que entregassem o trabalho sobre os pontos de referência. Muitos admitiram que não haviam feito, outros disseram que haviam esquecido de trazer, outros até comentaram que nem sabiam o que era para fazer. Como não recebi nenhum trabalho, solicitei que quem havia esquecido trouxesse na próxima aula e dei sequência à proposta do encontro.

Mostrei a capa do material disponível na biblioteca, sobre a história do bairro, elaborado pela Associação dos Bairros Planalto I, Planalto II, Planalto Frente, Ipiranga e Assunção, que tem como título “Nossa História é mais Longa” e pedi que os alunos falassem em um primeiro momento sobre o que viam na capa do material.



A capa mostra uma escola, uma indústria, o trabalho na terra, a associação entre os moradores. Assim eles falaram sobre esses elementos e, em seguida, questioneí sobre a relação daquelas imagens com o bairro. Alguns responderam apontando que esses elementos haviam constituído o bairro no início de sua história. Então, continueí indagando-os se esses elementos ainda existiam no bairro, para que me falassem como eles vem o bairro em que residem.

As respostas foram: “é cheio de morro”, “tem bêbado pela rua”, “tem muitos cachorros”, “é bacana”. Apontaram, principalmente, os pontos negativos e encontraram relações com a imagem da capa do livreto, apenas listando a escola e a indústria como características que ainda permanecem no bairro, mas não encontraram elementos no bairro para relacionarem com a questão da terra, da habitação e da Associação de Moradores.

Arriscadamente, visto que a agitação já era geral, separei a turma em grupos e entreguei de forma aleatória um pequeno texto para cada grupo sobre as temáticas abordadas neste material sobre o bairro, que consistiam em: a terra, o trabalho, o menor, a educação, a infraestrutura, a organização comunitária, a mulher, o descanso, o divertimento e, por fim, a saúde. Eles tinham que discuti-lo a partir de alguns questionamentos que coloquei no final de cada texto, permitindo uma reflexão de como era e como é hoje o bairro, que mudanças ocorreram? Os alunos são envolvidos com as problemáticas sociais do local onde moram? O grupo da organização comunitária teve dificuldades em entender do que se tratava o assunto e desconhecia essas organizações no bairro. A atividade ficou para ser finalizada no encontro seguinte.

DÉCIMO SEGUNDO ENCONTRO ...

No décimo segundo encontro, deveríamos voltar para a reflexão sobre o bairro, todos queriam falar, houve divergência quanto à concepção do termo favela. Um aluno menciona: “quem mora na favela é vagabundo, bandido e traficante”. Perguntei se os colegas concordavam com esse posicionamento, a maioria disse que não e afirmou ter pessoas de bem na favela, pessoas trabalhadoras. Outro aluno me fala: “a profe quer saber como é uma favela, olha pela janela”. Olhei e perguntei: “você acham que aquela área ali é uma favela?” Os outros respondem que não: “a favela tem barracos de madeira, aqueles são de material”. Um aluno rebate: “minha casa é de madeira, mas não é um barraco”.

O aluno que iniciou a discussão generalizando como “só o que não presta está na favela”, continua com seus comentários: “é tudo gente que vem de outra cidade e não tem onde mora e vai para os morros”. Questionei sobre quem eram essas pessoas, quem vem de outra cidade, a turma responde: “são pessoas que vêm em busca de trabalho”. Conforme material produzido sobre a história do bairro Planalto II, o bairro foi formado por pessoas que vieram de outras cidades e até de outro estado, então perguntei: “você consideram o bairro de vocês uma favela?” Eles responderam que não. E o aluno polêmico continua: “até tem tiroteio de vez em quando, mas não moro numa favela, não”.

Continuei com as perguntas; “porque não é uma favela?”. Responderam: “tem luz e não gato de luz, tem água e esgoto encanado, internet, telefone, posto de saúde, linhas de ônibus, creche, escolas, então não é uma favela”.⁽⁵⁾ Perguntei o que faltava no bairro: “áreas de lazer”. Só tem uma quadra de esportes e, segundo eles, é em uma região perigosa do bairro. Então perguntei como o bairro poderia conseguir outra quadra de esportes.

Um aluno respondeu: “é preciso boa vontade”. E outro: “tem que falar com o Pelé, ⁽⁶⁾ ele é presidente do bairro”. E assim seguiram os comentários: “o Pelé não faz nada”. “Ele faz sim, colocou cascalho na rua”. Então perguntei: “ele tem que fazer tudo sozinho?” Responderam: “Não, o prefeito não quer fazer outra quadra aqui”. Fui instigando-os: “O prefeito sabe que vocês precisam de outra quadra de esportes?”. “Acho que não”. Continuei provocando: “O que vocês poderiam fazer em relação a esta situação?” Eles retornaram para a figura do Pelé: “Falar com o Pelé”.

5 - Neste momento faltou definir com os alunos um conceito de favela, pois como o bairro Planalto II é formado de morros, isso os levou a se indagarem se moravam ou não em uma favela. A ideia que eles têm sobre favela está muito relacionada com a questão estética e de infraestrutura, mas como aponta Rosa (2009, p.14), essa visão de que periferia é o lugar dos pobres marcado pela ausência de infraestrutura vindo sendo questionada, pois nas últimas décadas houve um investimento público significativo nas áreas periféricas, melhorando inclusive os indicadores sociais dessas regiões.

6 - Pelé, assim popularmente conhecido, é o sr. Edison Borges, presidente da Associação dos Moradores do Bairro Planalto I. O presidente da Associação dos Moradores do Bairro Planalto II, onde a escola está localizada, é o sr. Ademir Saraiva, mas os alunos identificaram o Pelé como presidente e responsável por representá-los.

Dessa forma, fui tentando concluir os debates, para que pudesse explicar como seria a visita ao bairro, o objetivo e que esses pontos levantados por eles sobre como era o bairro Planalto II, poderiam ser apresentados durante a visita. Alguns ficaram empolgados, outros muito preocupados para saber qual o trajeto, se passaríamos próximos as suas casas. Expliquei que o percurso seria definido antes de sairmos da escola no próximo encontro. Pensei dessa forma para que o roteiro fosse surpresa e as fotografias que teriam que fazer, não fossem pensadas antes, e sim feitas de acordo com o interesse do momento.

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. [...]

Manoel de Barros

(Memórias inventadas – As Infâncias de Manoel de Barros, São Paulo: Planeta do Brasil, 2010. p. 67).



QUARTA ETAPA

EU NESSA HISTÓRIA

DÉCIMO TERCEIRO ENCONTRO ...

Chegado o tão esperado dia, o décimo terceiro encontro teve como objetivo visitar o bairro. Apesar dos comentários de alguns alunos de não quererem fazer a visita, todos estavam presentes nesse encontro. Dia de sol, bom para caminhar. Antes de sairmos da escola, definimos o trajeto, que teria como ponto de partida a Escola e, quando nos aproximássemos da Chapa, entraríamos em uma rua à direita para retornarmos à escola.

A professora de História da turma nos acompanhou. Descemos o primeiro morro e já pude visualizar o Valão, tão comentado por eles nos encontros. Um Valão que se estende por boa parte do bairro. De acordo com os alunos, o Valão, era um riacho antigamente. Próximo ao Valão uma enorme escadaria dá acesso à Vila Sapo, a escadaria é um lugar de “encontro”, mas isso é mais no fim do dia – “a galera fica por aqui, profe, o movimento começa lá pelas 19 horas”.

“Profe atravessando essa rua e seguindo reto é a Chapa, vamos lá? Eu moro lá.”

Seguímos adiante por uma rua estreita e de terra batida, quando nos damos conta, eu e a professora de História, estávamos em uma pequena trilha por entre as casas. Há lugares que carros não chegam! A trilha nos levou para o meio do bairro. Passamos na frente da casa de dois alunos, a mãe de um deles estava em casa, saiu para nos cumprimentar. Comentamos com ela sobre a atividade que estávamos fazendo. Ela responde que seu filho havia falado que estariam pelo bairro, que isso era muito bom. Seu filho pede para ela fazer um café para nós, e ela queria fazer, agradecemos, mas tínhamos que continuar com a atividade.

Alguns alunos começam a gritar: “Cuidado, se abaixem, vai começar o tiroteio”. “Olha a bala perdida”. Enquanto outros apontam para a casa dos vizinhos, conhecidos, passam e conversam com os amigos.

Chegamos à quadrinha, local de encontro, frequentado por todos. É uma praça com brinquedos para as crianças, bancos e uma quadra de esportes. “Aqui só dá para vir durante o dia, é o limite”. A praça é muito limpa, organizada e bem equipada. Olho para cima e vejo muitas casas, estamos bem embaixo do bairro, como se tivéssemos em um buraco. Um dos alunos me chama e mostra, apontando com a mão: “Profe, atravessando essa rua e seguindo reto é a Chapa, vamos lá? Eu moro lá”.

O previsto era retornarmos daquele ponto, mas a partir de um consenso de todos, seguimos. A entonação do aluno que me disse que morava lá soava como um pedido, como se ele quisesse muito me mostrar onde ele morava. Assim atravessamos a rua e estamos na Chapa.

Esse mesmo aluno encontrou logo na entrada da rua, um vizinho de bicicleta. Ele pega a bicicleta do vizinho e andou com ela numa boa. Largou a bicicleta e começou a apresentar o seu território.

Deparamo-nos com muitos cachorros pelas ruas, rasgando os sacos de lixo que se concentram próximo a entrada da Chapa, pois passando dali, as casas ficam no morro, onde carros e caminhões não chegam. Nessa parte do bairro, muitos alunos começam a apontar e falar: “Lá sora, é a minha casa, do lado da do fulano”. “Olha lá minha mãe, abana para ela, profe”. De repente um alvoroço de cachorros, e muitas pessoas falando alto, é uma briga entre os cachorros, mas faz com que os alunos saiam do meio da rua e direcionem-se para uma escadaria, a qual todos sobem, pois ela vai sair na rua principal do bairro, para voltarmos à escola.

A proposta era que eles fotografassem ambientes e detalhes do bairro que tivessem algum significado especial para cada um, mas eles estavam tão empolgados em me mostrar onde moravam, onde se encontravam, onde eram os lugares mencionados nos encontros, como a Escadaria, o Valão e a Chapa, que não estavam fotografando. Percebi esta ação, mas não interferi, achei que deveria deixa-los me apresentarem o seu espaço.

Quando estávamos retornando para a escola, um grupo de alunos veio conversando comigo, e disseram não ter gostado da visita. Questionei-os o porquê. Eles responderam que nós não havíamos passado perto da casa deles, que ficaria no sentido Vila Sapo. Para não deixa-los desapontados, comentei que nosso tempo estava curto, e o bairro é muito grande, que tentaríamos fazer a outra parte do bairro em outro momento.

De fato, o bairro Planalto II é muito grande, cheio de becos, ruas, ruínas e morros, os alunos queriam mostrar, comentar sobre cada parte, cada detalhe. No início da oficina, quando comentava que teríamos uma atividade pelo bairro, percebia que muitos alunos tinham vergonha de mostrar onde moravam, mas com o decorrer dos encontros consegui me aproximar deles e a experiência vivenciada no dia visita, a forma como eles estavam felizes e orgulhosos de onde moravam, por onde passam todos os dias, me fez refletir o quanto esses alunos, o quanto as pessoas que moram nesse bairro têm para contar, quantas vivências que se tornam experiências, o quanto da história da cidade está escondida naquelas ruas, naqueles becos, nas subidas e descidas daqueles morros.

O bairro Planalto II é uma fonte de pesquisa, que abre novas perspectivas de leitura sobre a cidade de Caxias do Sul-RS, é um meio de dar voz a uma região que permanece silenciada.

**“Quem mora no Planalto sabe
que nosso bairro tem muitas
coisas maravilhosas.”**

Registro da Atividade “Caminhada pelo bairro”







Essa etapa do projeto mostra como a educação patrimonial pode ser uma ferramenta para o fortalecimento da cidadania. Provocar os alunos para olharem ao seu redor é permitir que eles se reconheçam no espaço como agentes transformadores, despertando para uma consciência crítica. Esse despertar dos alunos está sendo desenvolvido através do reconhecimento de sua história dentro de um espaço social, onde eles são instigados, por meio das atividades do projeto, a dar sentido e valor ao patrimônio do seu cotidiano

A educação patrimonial pode ser uma importante ferramenta na afirmação de identidades e para que as pessoas se assumam como seres sociais e históricos, como seres pensantes, comunicantes, transformadores, criadores, realizadores de sonhos. (FREIRE, 2011, p. 42).

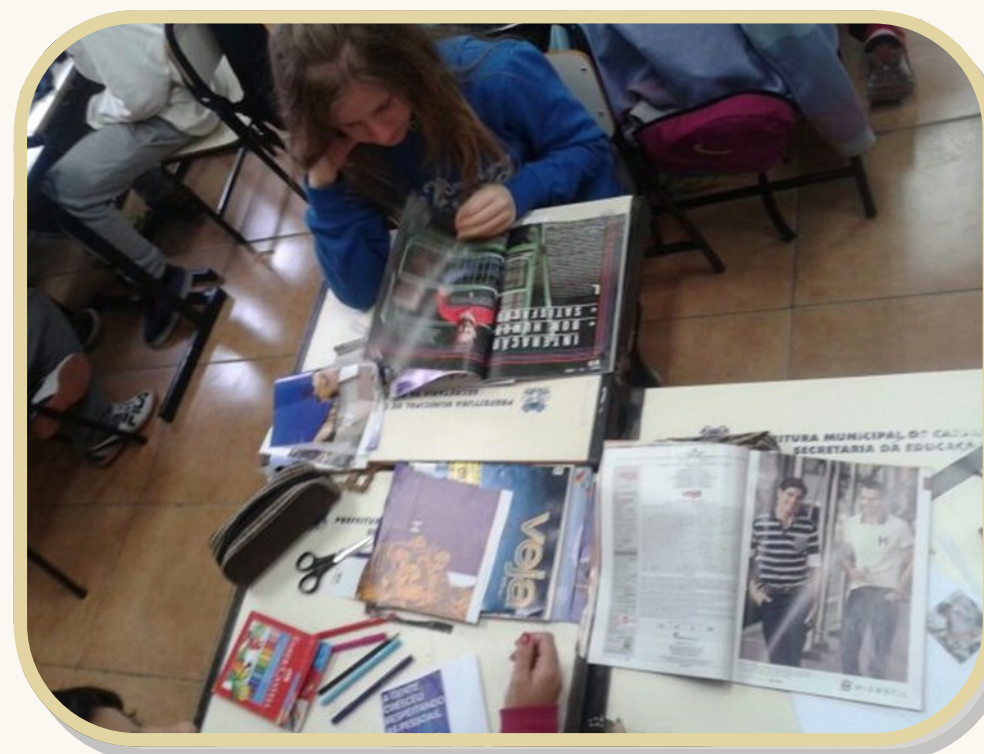
DÉCIMO QUARTO E QUINTO ENCONTRO ...

O décimo quarto encontro iniciou com muitos questionamentos, mas dessa vez foram dos alunos para mim: “E aí, profe, gostou do nosso bairro? A senhora viu onde eu moro? Sabe aquela rua que tinha um monte de lixo espalhado, lá começa a Chapa, aquilo ali de noite ferve!” E assim seguiram... Então fiz minhas colocações sobre o bairro, o que eu havia observado quanto aos comentários anteriores à visita e depois da visita. Os questioneí sobre o processo da visita, se haviam gostado, se todos conheciam os lugares que havíamos passado, e alguns responderam que haviam lugares que nunca tinham entrado.

Dessa forma, dei sequência às atividades propondo que eles criassem um Fanzine⁽⁷⁾, referente ao bairro. Expliquei que eles poderiam colocar todas as informações que foram debatidas sobre o bairro, inclusive as críticas e melhorias que deveriam ser feitas, assim como, o que eles haviam observado durante a visita e poderiam utilizar recortes de revistas, jornais, letras de músicas, as fotografias que haviam feito ou até mesmo fazer desenhos. Dialoguei com os alunos sobre o Fanzine, se eles conheciam, já haviam feito algum, e nesse diálogo fui orientando a atividade a partir da história do Fanzine.

7 - De acordo com Assumpção (2011), Fanzine é uma revista de publicação alternativa, independente, feita de fãs sobre um determinado assunto, objeto ou arte, como uma forma de estabelecer contato com fãs do conteúdo abordado. Uma característica do Fanzine trata-se do seu formato, que não possui um padrão, ficando a cargo da criatividade do seu editor.

Registro da Atividade “Fanzine”



A produção do Fanzine não estava dentro do cronograma inicial, essa ideia surgiu após algumas leituras e contato com outros professores, como uma atividade que tem muita relação com a educação patrimonial, principalmente em regiões periféricas da cidade, pois o Fanzine surge como um meio alternativo de comunicação utilizado pelos jovens, principalmente pelo movimento punk e sua lógica – faça você mesmo.

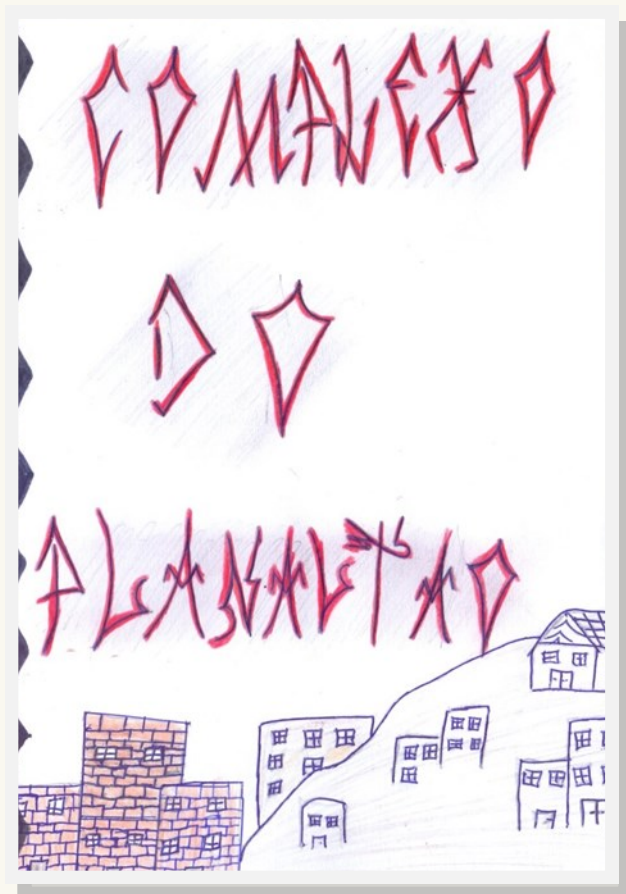
Elaborados, geralmente, em xerox ou offset não tem limites, regras, necessidade de agradar, compromisso com o retorno econômico. Apontam injustiças, ironizam, divulgam bandas de rock, selos responsáveis pelo lançamento dos CDs e opiniões de diferentes jovens adeptos de um conjunto de práticas que caracteriza a cultura underground. (GIL, 2003, p. 118).

O fanzine é uma imprensa alternativa em resposta aos meios de comunicação dominantes, onde seus criadores produzem cultura e não apenas consomem uma cultura dominante, por isso sua relação com a proposta de educação patrimonial da oficina “Descobrindo o valor das coisas ao meu redor!”. Ao solicitar que cada grupo elaborasse um fanzine, os alunos se colocariam na posição de criadores, função esta que exige reflexão, assim eles teriam que refletir sobre o bairro do qual eles fazem parte, olhando com mais atenção ao redor, para descobrirem o que realmente tem valor no bairro e suas inquietações em relação ao mesmo.

Os fanzines elaborados pelos alunos trazem a visão de cada grupo em relação ao bairro. Eles mostram o que querem que fique evidente e não o que a sociedade vê e escreve sobre o bairro deles, ou melhor, o que não vê e não escreve. Abaixo temos o resultado dessa atividade que necessitou de mais um encontro, o décimo quinto, para ser finalizado. Foi uma atividade bem comentada pelos alunos, que gostaram de expor suas habilidades artísticas, além da utilização de vivências do seu cotidiano, como é o caso de um dos fanzines que utilizou trechos de música do estilo funk, apreciando por alguns alunos, enquanto outros puderam fazer desenhos à mão livre, assim como o aproveitamento das colagens com revistas. Do meu ponto de vista, a atividade foi uma forma de sintetizar os conhecimentos trocados ao longo da oficina, foi à reflexão do valor das coisas que estão ao redor dos alunos.

Registro dos Fanzines feitos pelos alunos





Plamalto é bom mesmo.

É claro que tem suas partes ruins.

Mas nem um bairro é perfeito!!

Quem mora no Plamalto sabe que nesse bairro tem muitas coisas maravilhosas.



DÉCIMO SEXTO ENCONTRO ...

No décimo sexto encontro e último das atividades propostas pela oficina, conversei com os alunos sobre a oficina, se haviam encontrado um significado para o seu desenvolvimento. As manifestações foram positivas. Os alunos gostariam que a oficina continuasse. Para registrar as considerações dos participantes, solicitei que respondessem o questionário de avaliação.

Os alunos responderam que encontraram dificuldades ao longo da oficina, sendo que a maioria considerou as atividades de desenhar as de maior grau de dificuldade, seguida pelo de escrever. Apenas um aluno respondeu que a oficina não atingiu suas expectativas e dois responderam em parte. Da mesma forma, apenas um aluno respondeu não ter mudado sua percepção da escola depois da atividade de fotografar seus ambientes e quatro responderam em parte. Em relação ao questionamento sobre conhecer melhor o bairro após nossa visita, a maioria dos alunos apontou que não mudou o seu grau de conhecimento sobre o bairro. A proposta era fazer com que os alunos olhassem ao seu redor, a escola, o bairro e o quanto do seu espaço, do seu cotidiano podem ser compreendidos como parte do patrimônio cultural de cada aluno.

O resultado observado no questionário e nos comentários revela que a oficina foi uma atividade diferente do que os alunos estão acostumados, por isso do grau de dificuldade ter sido apresentado no ato de desenhar e escrever. Depois de certa idade, parece que o desenhar perde o sentido e é pouco utilizado nas atividades em sala de aula, mas as atividades que solicitei para que desenhassem revelou muitas informações sobre esse grupo de alunos e o lugar onde eles vivem.

Como houve muito diálogo a partir de cada atividade que era solicitada, a oficina tornou-se algo diferente. O seu desenvolvimento por etapas permitiu que os alunos desvendassem o significado de patrimônio a partir das coisas mais simples e que estão próximas deles, para depois ser ampliado, atingindo o objetivo proposto de olhar ao redor para depois fazer-se uma análise mais ampla, reconhecendo como no comentário, os patrimônios próximos de cada um e da comunidade onde vivem.

A escola tem dentro do seu calendário de atividades anuais, a Festa da Família, um momento de convívio entre escola, família e comunidade. Como a oficina foi um projeto que integrou as atividades da escola e envolveu a comunidade, a professora titular de História sugeriu que os trabalhos desenvolvidos pelos alunos durante a oficina fossem expostos, para que as famílias dos alunos acompanhassem o resultado do projeto. Assim elaborei um banner para ficar exposto no dia da Festa da Família com as etapas que foram realizadas durante a oficina e as produções dos alunos.

FESTA DA FAMÍLIA

Escola Municipal de Ensino Fundamental Guerino Zugno
Projeto de Educação Patrimonial

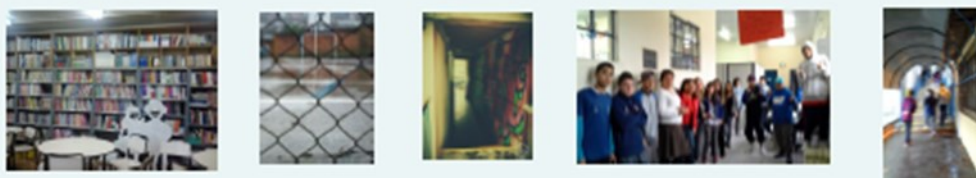
"Descobrindo o valor das coisas ao meu redor"

Mestranda - Ana Paula de Almeida
Orientadora - Prof^a. Dra. Katani Monteiro Ruffato
Universidade de Caxias do Sul - UCS
Programa de Pós Graduação em História

EU SOU...



NOSSA ESCOLA, NOSSO PATRIMÔNIO....



NOSSO BAIRRO....



EU NESSA HISTÓRIA....



MAIS ALGUMAS PALAVRAS ...

Como houve muito diálogo a partir de cada atividade, que era solicitada, a oficina tornou-se algo diferente. O seu desenvolvimento por etapas permitiu que os alunos desvendassem o significado de patrimônio a partir das coisas mais simples e que estão próximas deles, para depois ser ampliado, atingindo o objetivo proposto de olhar ao redor para depois fazer-se uma análise mais ampla, reconhecendo como no comentário, os patrimônios próximos de cada um e da comunidade onde vivem.

A escola tem dentro do seu calendário de atividades anuais, a Festa da Família, um momento de convívio entre escola, família e comunidade. Como a oficina foi um projeto que integrou as atividades da escola e envolveu a comunidade, a professora titular de História, sugeriu que os trabalhos desenvolvidos pelos alunos durante a oficina fossem expostos, para que as famílias dos alunos acompanhassem o resultado do projeto. Assim, elaborei um banner para ficar exposto no dia da Festa da Família com as etapas que foram realizadas durante a oficina e as produções dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOLINÁRIO, Juciene R. *Reflexões sobre a Educação Patrimonial e experiências da diversidade cultural no ensino de História*. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (org). *Educação patrimonial: reflexões e práticas*. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

BRANDÃO, Carlos. *O difícil espelho*. Brasília: Iphan/ Deprom, 1996.

DAYRELL, Juarez. *A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil*. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 10 de agosto de 2015.

FLORENCIO, Sônia Rampim. *Educação Patrimonial: um processo de mediação*. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (org). *Educação patrimonial: reflexões e práticas*. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. *No tecer da vida, a juventude; No tecer da juventude, a vida: práticas educativas de jovens de Santo Antônio da Patrulha em grupos de música e religião*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001-2003.

GIONGO, I. M., HORN, C. I., SCHWERTNEN, S. J. *Escola, família e as novas configurações da contemporaneidade: apontamentos de uma pesquisa*. *Caderno pedagógico*, Lajeado, v. 10, n. 2, p. 77-92, 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRUNBERG, Evelina. *Manual de atividades práticas de educação patrimonial*. Brasília, DF: Iphan, 2007.

ROSA, Thaís T. *Favelas, Periferias: uma reflexão sobre conceitos e dicotomias*. 33º Encontro Anual da Anpocs. Setembro 2009.

SCIFONI, Simone. *Educação e Patrimônio Cultural: reflexões sobre o tema*. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (org). *Educação patrimonial: reflexões e práticas*. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

